

# AGROECOLOGIA E ECONOMIA FEMINISTA: TECENDO A SUSTENTABILIDADE DA VIDA

Miriam Nobre<sup>1</sup>

**Resumo.** *Apresentamos uma reflexão onde a agroecologia é a um só tempo, prática, ciência e movimento. Tal reflexão aproxima ao máximo a produção agrícola e animal aos processos da natureza, reconhecendo a expressão de uma forma particular de relação entre a natureza e a cultura. Reconhece dois princípios presentes no diálogo entre a economia feminista e a ecologia política: a eco dependência e a coevolução entre sistemas naturais e a sociedade, ao mesmo tempo que evidencia o trabalho das mulheres, seus espaços e tempos. Nesse contexto as mulheres são protagonistas nas práticas agroecológicas e nos conhecimentos a elas associados. Em geral são elas que selecionam, guardam e trocam as sementes. Utilizam critérios de seleção com base no gosto, tempo de cozimento e resistência pós-colheita. Ou seja, são critérios relacionados à vida, aos valores de uso, sendo totalmente diferentes dos critérios das corporações transnacionais que disseminam variedades resistentes aos agrotóxicos vendidos por elas mesmas e que demandam a compra de sementes de todas as safras, visando assegurar a realização de valores de troca.*

**Abstract.** *We present a reflection where agroecology is, at the same time, practice, science and movement. Such reflection brings agricultural and animal production as close as possible to nature's processes, recognizing the expression of a particular form of relationship between nature and culture. It recognizes two principles present in the dialogue between feminist economics and political ecology: eco-dependency and coevolution between natural systems and society, while also highlighting the work of women, their spaces and times. In this context, women are protagonists in agroecological practices and in the knowledge associated with them. In general, they select, store and exchange seeds. They use selection criteria based on taste, cooking time and post-harvest resistance. In other words, they are criteria related to life, to use values, being totally different from the criteria of transnational corporations that disseminate varieties resistant to the pesticides sold by themselves and that demand the purchase of seeds from all harvests, in order to ensure the realization of values exchange.*

**Palavras-chaves:** agroecologia, economia feminista, ecoddependência, coevolução.

## INTRODUÇÃO

A agroecologia é a um só tempo, prática, ciência e movimento para que o cultivo agrícola e a criação animal se aproximem o mais possível dos processos da natureza, como o ciclo de nutrientes em sucessão ecológica, os fluxos de energia ou as interações entre os seres vivos (plantas, animais, microrganismos). É a expressão de uma forma particular de relação

---

<sup>1</sup> Agrônoma, mestre pelo Programa de Estudos em Integração da América Latina (PROLAM-USP). Integrante da equipe da SOF Sempre Viva Organização Feminista.

entre a natureza e a cultura que reconhece a dois princípios presentes no diálogo entre a economia feminista e a ecologia política: a ecod dependência e a coevolução entre sistemas naturais e sociedades.

Somos natureza e a natureza está na base da cadeia de sustentação das necessidades humanas nos proporcionando alimento, água, abrigo, energia, minerais. A natureza é cíclica: cada resíduo de um processo se transforma em matéria prima de outro processo em um ritmo que foi sendo ajustado em milhares de anos. A natureza tem limites: existem recursos que não são renováveis, como petróleo e outros minerais, e há aqueles que são renováveis, ainda que sua disponibilidade pode ser restrita pela velocidade de sua regeneração. A água, por exemplo, pode chegar ao limite por meio da contaminação por agrotóxicos ou metais pesados utilizados na mineração ou quando é utilizada em grandes quantidades e potencialmente crescentes em monoculturas ou sistemas industriais, como a produção de alumínio ou o tingimento do jeans. Do mesmo modo, várias espécies de animais e de plantas são extintas a cada dia devido à intensa exploração da natureza e os desequilíbrios por isto causados.

## **AGRICULTURA, SOCIEDADE E NATUREZA**

Portanto o desafio é como fazer uma agricultura que se integre aos ciclos da natureza, respeite seu ritmo, e, simultaneamente, permita que as pessoas tenham acesso a alimentos nutritivos, saudáveis e de acordo com sua cultura. A agroecologia reúne alguns aprendizados que permitem responder a esta questão.

As interações entre sociedades e natureza se dão em um processo de coevolução. Os espaços naturais também mudam pela ação humana, por isto nos referimos à sociobiodiversidade. Não é por acaso que regiões de rica diversidade de plantas e animais são regiões onde vivem comunidades tradicionais. As sociedades se organizam com base em uma cultura material e uma subjetividade que se inter-relacionam. As comunidades rurais tradicionais, em particular indígenas e quilombolas, têm um profundo conhecimento e um rico vocabulário para nomear processos naturais, suas interações e como se traduzem em práticas agrícolas que se organizam e transmitem entre gerações, inclusive por meio de símbolos e rituais.

Muitas destas comunidades confrontam-se com ameaças de expulsão e violentas apropriações de seus territórios e conhecimentos praticados pelo capitalismo patriarcal e racista

em contínua expansão. Ainda assim seguem produzindo alimentos com base na agroecologia. Elas estão em permanente processo de experimentação, observação, registro e intercâmbio. Este conhecimento se constrói de forma relacional e a necessária diversidade de variedades e espécies se mantém pelo intercâmbio de sementes e mudas, vegetais e animais. Deste modo a agroecologia não é possível em um sítio sozinho, isolado dos demais. Ela se realiza em cada sítio, em cada roça e no espaço tecido entre todos.

## **O TRABALHO DAS MULHERES: SEUS ESPAÇOS E TEMPOS**

As mulheres são protagonistas nas práticas agroecológicas e nos conhecimentos a elas associados. Em geral são elas que selecionam, guardam e trocam as sementes. Utilizam critérios de seleção com base no gosto, tempo de cozimento, resistência pós-colheita. Ou seja, são critérios relacionados à vida, aos valores de uso. E são totalmente diferentes dos critérios das corporações transnacionais que disseminam variedades resistentes aos agrotóxicos vendidos por elas mesmas e que demandam a compra de sementes todas as safras. Por tanto, que visam assegurar a realização de valores de troca.

Nos espaços sob responsabilidade das mulheres, em geral, pequenos, elas combinam hortas, árvores frutíferas, criação de pequenos animais, plantas alimentícias, medicinais e decorativas. Constituem um espaço privilegiado de experimentação e contam com enorme diversidade. As mulheres dedicam tempo e energia na agroecologia porque avaliam que lhes traz resultados. Elas valorizam a produção para o autoconsumo de alimentos saudáveis e variados que asseguram a boa saúde das pessoas com quem convivem. Além do mais, sua produção é distribuída em circuitos mais amplos de doação e troca que envolvem vizinhos, família extensa - inclusive aqueles que vivem em áreas urbanas-, comunidades religiosas, instituições de ensino e assistência social.

Ainda que as mulheres trabalhem lado a lado com seus companheiros na produção agropecuária, geralmente elas identificam como espaços sob sua responsabilidade aqueles que estão ao redor da casa (horta, pomar, galinheiro) e a cozinha. Na cozinha elas preparam as refeições, mas também realizam um preparo mínimo para a venda ou transformam produtos em doces, queijos, biscoitos. Elas se referem a estes espaços como lugares de produção, criação e reconhecimento. “É aqui que me esqueço de todas as preocupações e tristezas”. Por tanto é difícil delimitar e identificar o que é o tempo dedicado à produção. Também é difícil separar os que são atividades de reprodução (a produção da vida) e medir seus tempos. Quando

perguntamos a uma agricultora quantas horas ela dedica a cuidar de seus filhos é comum que responda: todas. “Até quando durmo estou atenta e me levanto ao menor ruído”. Elas vivem em permanente disponibilidade em relação ao outro.

A interdependência é mais fácil de ser percebida entre os setores populares, onde as mulheres afirmam que sem a solidariedade cotidiana de seus familiares, de suas comunidades dos territórios onde nasceram ou com quem escolheram viver, dificilmente sobreviveriam. No entanto, estas solidariedades também são atravessadas por um viés patriarcal e racista, pelo qual as mulheres, em especial as negras e indígenas, cuidam mais do que são cuidadas.

## **AGENDAS DA AGROECOLOGIA COM APORTE DAS MULHERES**

Os aportes das mulheres à agroecologia não são ainda plenamente reconhecidos, mesmo no movimento agroecológico. Por exemplo, apesar de tradicionalmente as mulheres se ocuparem das sementes quando sua conservação se institucionaliza, como em bancos de sementes de organizações, é mais comum encontrar homens como protagonistas.

A organização das mulheres agricultoras e sua apropriação do feminismo vai traçando caminhos para tornar visíveis os conhecimentos, espaços e tempos das mulheres, valorizá-los, aumentar os espaços e diminuir as sobrecargas. As mulheres ampliaram a agenda do movimento agroecológico incluindo temas e ações onde elas se encontram em maioria como a agricultura urbana, plantas medicinais e artesanato.

A agroecologia supõe outras formas de relação entre as pessoas e a natureza que não sejam baseadas na redução da natureza a um recurso inesgotável para o benefício da humanidade. Também pressupõe outras formas de relação entre as pessoas que sejam de igualdade e respeito mútuo. Por isto deve se contrapor à violência contra as mulheres, expressão mais dura das desigualdades de gênero e dos conflitos que constituem as relações patriarcais, ainda que muitas vezes silenciados. As mulheres rurais vivem situações de violência doméstica, sexual e patrimonial. Várias agricultoras relatam que quando se ausentam, seus companheiros intervêm em seu espaço: jogam herbicida na horta ou cortam flores, pois consideram que o manejo que elas realizam não é correto e que o quintal está em desordem. Estas intervenções são ainda mais comuns quando elas se ausentam para participar de alguma atividade do movimento de mulheres, porque quando elas voltam, estão diferentes.

Além do mais, a violência sexual e o assassinato de mulheres no campo são utilizados como formas de desestabilizar as comunidades e abrir caminho para uma ofensiva do capital que exerce pressão sobre os territórios.

## **COMER É UM ATO POLÍTICO**

A agroecologia convida as pessoas que vivem nas cidades a superar uma relação alienada com seu corpo e com o que se come. “Não se esqueçam das raízes” dizem as agricultoras quando apresentam a enorme variedade de tubérculos que produzem e que as pessoas da cidade mal conhecem. Para elas as raízes alimentam nosso corpo e espírito já que nos aterram onde também estão assentadas nossas ancestrais. Isto pressupõe criar outras formas de circulação dos alimentos que não se restrinjam a produtos orgânicos de alto preço como nichos de mercado para as elites. Tampouco se pode considerar o tempo das mulheres como a variável de ajuste entre os tempos e lógicas do mercado e os tempos e lógicas da vida. Não é possível considerar que o acesso a alimentos saudáveis se dê pelo aumento do trabalho das mulheres para adquiri-los e prepará-los de forma isolada em cada domicílio.

Uma construção social de mercados, ou seja mercados que se organizam com base em critérios sociais definidos coletivamente, demanda políticas públicas como a alimentação escolar, restaurantes públicos, logísticas descentralizadas e circuitos curtos, e a responsabilidade compartilhada do trabalho de cuidado entre mulheres e homens de distintas gerações na família e em coletivos, como grupos de consumo solidário.

Ao mesmo tempo implica confrontar a erosão de sabores e texturas provocada pelas corporações transnacionais da indústria alimentar e a *gourmetização* como símbolo de distinção em uma sociedade profundamente desigual.

## **CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO POLÍTICO**

O sujeito político “mulheres feministas que constroem agroecologia” interpela o conjunto dos movimentos agroecológico, ambiental e feminista com a chamada “Sem feminismo não há agroecologia!”. Este sujeito vem se constituindo em um longo processo de sistematização de experiências desenvolvidas por mulheres, pesquisas-ação coletivas, intercâmbios que reconhecem as agricultoras como experimentadoras e a construção horizontal

do conhecimento camponesa a camponesa, co-construção de políticas públicas, formação política feminista e potentes manifestações públicas.

Este sujeito vem sendo chamado a enfrentar desigualdades de raça e etnia e entre gerações. Mulheres negras e indígenas têm nos lembrado que muito do conhecimento agroecológico sistematizado pelas instituições de pesquisa válida ou explícita, mas nunca aperfeiçoa, técnicas praticadas por comunidades tradicionais. Além disso, práticas tradicionais como o uso do fogo em roças de coivara são criminalizadas e outras são estigmatizadas como “bruxaria” ou “superstição”.

Muitas das jovens migram para as cidades ou se encontram na situação de “nem trabalha nem estuda”. Desde muito cedo realizam o trabalho doméstico e de cuidados e em geral têm ainda menos acesso à terra do que suas mães e irmãos. Elas afirmam que seus anseios não se resumem à sucessão rural, mas desejam criar espaços em que pratiquem a agroecologia com suas próprias experimentações e sínteses.

Entretendo a agroecologia e a economia feminista o que se busca é resgatar práticas tradicionais e inventar novas formas de organizar a sociedade e as relações cotidianas entre as pessoas e delas com a natureza que tenham como questão central a sustentabilidade da vida.

## **REFERÊNCIAS**

CARRASCO, Cristina. 2003. **A sustentabilidade da vida humana**: um assunto de mulheres?

In NOBRE, Miriam e FARIA, Nalu (org.). A Produção do viver. Ensaio de economia feminista. São Paulo: SOF.

GT MULHERES DA ANA **Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia**. 2014. Mulheres e Agroecologia. Brasília: CONTAG.

HERRERO, Yayo. 2014. **Economía ecológica y economía feminista**: un diálogo necesario.

In: CARRASCO, Cristina. Con voz propia. La economía feminista como apuesta teórica y política. Madri: La Oveja Roja.

SOF Sempre Viva Organização Feminista. 2018. **Práticas feministas de transformação da economia**. Autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira. São Paulo: SOF.

Disponível em <<http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Praticas-feministas-portugu%C3%AAs-web1.pdf>>